



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES (DLA)
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

THAÍS DA SILVA MALAQUIAS

**ANÁLISE INTERCULTURAL DA LENDA DO SACI PERERÊ:
DE MONTEIRO LOBATO À “CIDADE INVISÍVEL”**

**CAMPINA GRANDE
2022**

THAÍS DA SILVA MALAQUIAS

**ANÁLISE INTERCULTURAL DA LENDA DO SACI PERERÊ: DE
MONTEIRO LOBATO À “CIDADE INVISÍVEL”**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
(monografia) apresentada ao
Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em
Letras – Língua Portuguesa.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de
Souza Neves

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M237a Malaquias, Thaís da Silva.
Análise Intercultural da lenda do Saci Pererê [manuscrito] :
de Monteiro Lobato à "Cidade Invisível" / Thaís da Silva
Malaquias. - 2022.
34 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação , 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Folclore Brasileiro. 2. Análise literária. 3. Saci Pererê. 4.
Interculturalidade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

THAÍS DA SILVA MALAQUIAS

**ANÁLISE INTERCULTURAL DA LENDA DO SACI PERERÊ: DE MONTEIRO
LOBATO À “CIDADE INVISÍVEL”**

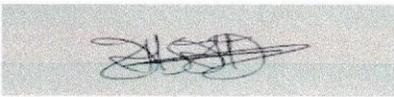
Trabalho de Conclusão de
Curso (Monografia)
apresentado ao Departamento
de Letras e Artes da
Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, como
requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em Letras -
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua
Portuguesa.

Aprovada em: 29 / 11 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves.
Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a Deus que me deu forças e esteve ao meu lado em todos os momentos. Dedico também aos meus pais que foram meu porto seguro na caminhada da graduação e em toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, em primeiro lugar, por me conceder a vida e em meio a tantos percalços sempre estar cuidando do meu futuro. Ao meu pai, Pedro Malaquias Filho, que trabalhou arduamente durante toda a vida para trazer o meu sustento, vencendo os obstáculos do analfabetismo, me dando todo o suporte financeiro e incentivo para a dedicação aos estudos. À minha mãe, Amarina da Silva Ferreira, que sempre foi minha referência de amor, bondade, paciência e fé, a quem recorri nos dias de aflição e sobrecarga de tarefas durante a graduação. À minha tia, Maria Ferreira de Sousa (Dos Anjos), que me acolheu em sua casa e muitas vezes foi como uma mãe durante os três anos que estudei presencialmente na UEPB.

Aos meus professores da Escola Estadual Lauro Corrêa (RJ), no qual cursei o ensino fundamental II e ensino médio, em especial às professoras de Língua Portuguesa e História, Rosângela Batista por me inspirar na escolha da carreira e amor pela nossa língua materna e Fátima Gonçalves por me munir de conhecimentos sobre sociedade, política arte e cultura. Professores que são minha referência de amor e dedicação magistério, realizando muito além das atribuições convencionais e estendendo o saber para além das paredes da escola.

À minha orientadora Ana Lúcia Maria de Souza Neves pela paciência, carinho e ajuda no processo de escrita do presente trabalho. Por aceitar me orientar mesmo à distância, se mostrando sempre solícita e compreensiva comigo. Antes de tudo, uma excelente professora, de sorriso fácil que inspira e transparece sua paixão pela Literatura em suas aulas.

À professora e coordenadora de curso Dalva Lobão que sempre me ajudou nos processos que envolveram a graduação, sou grata pelo carinho, acolhimento e abertura para diálogo. Por ter intercedido junto à Prograd por minha defesa em modalidade remota e por ter me tranquilizado em tantos momentos de desespero, minha gratidão!

A todos os colegas de classe que tive o prazer de conhecer e partilhar momentos de aprendizado, frustrações e conquistas até a conclusão do curso. Companheiros de aulas e trabalhos, às minhas colegas de estágio, que viveram comigo momentos de grandes desafios da vida acadêmica. Em especial ao meu amigo Daniel Guedes, que mesmo com a distância, faz parte da minha vida e compartilha comigo momentos de agonia, pressão, desabafos e alegrias.

Concluo citando uma passagem da Bíblia Sagrada, grata por esse ciclo que se encerra: “Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou.” (Romanos 8:31,32 e 37)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da lenda do Saci Pererê inserida na obra homônima de Monteiro Lobato (1921) e na série “Cidade Invisível” (2021), disponível na plataforma de streaming *Netflix*. A análise procura trazer à luz questões identitárias que as narrativas folclóricas podem projetar de forma mais complexa, escolhemos a figura do Saci, enquanto representação do negro, a partir da noção de interculturalidade disposta por Candeau (2012) como assimilação cultural que promove uma coesão social, observando como essa representação se deu na passagem da lenda em sua versão popular para a mídia na indústria cultural contemporânea, evidenciando o reforço dos estereótipos e desigualdades que envolvem o negro na sociedade. Para isto, realizaremos uma pesquisa qualitativa, que apresenta percepções referentes ao *corpus* analisado. Quanto ao levantamento de dados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. A análise transitará pelas obras a partir dos aspectos pertinentes que demonstram as relações interculturais em “O Saci”, de Monteiro Lobato (1982: cap. 1-6), relacionando-a com a série “Cidade Invisível” (2001: ep.1). Tomaremos como referência as definições acerca da imagem e comportamento do Saci descritas nas obras “O Saci Pererê: o resultado de um inquérito” (1982, 35ªed.), que reúne depoimentos acerca das experiências com o Saci e “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Câmara Cascudo (1954), que documenta as lendas e tradições em geral de cada região do Brasil. Contamos ainda, para a fundamentação da análise, com os estudos teóricos de Brandão (1984) que descreve o folclore; Fleuri (2001) e Silva (2004) acerca da homogeneização cultural; Duarte (2017) sobre os estudos intermediários, que discute a transposição da literatura para a produção audiovisual; Sobre racismo e representação do negro, nos baseamos em Cuti (2010), Sayers (1958), Almeida (2019) e Duarte (2011).

Palavras-chave: Saci. Folclore Brasileiro. Lendas. Negro. Interculturalidade.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the representation of the legend of Saci Pererê inserted in the homonymous work of Monteiro Lobato (1921) until the series “Cidade Invisível” (2021), available on the Netflix streaming platform. The analysis seeks to highlight identity issues that folkloric narratives can project in a more complex way. We chose the figure of Saci, as a representation of black people, based on the intercultural notion set out by Candéau (2012) as cultural assimilation that promotes social cohesion, noting how this representation took place in the passage of the legend, in its popular version, to the media in the contemporary industry culture, evidencing the reinforcement of stereotypes and inequalities that involve black people in society. For this purpose, we will carry out a qualitative research, which summarizes perceptions about the analyzed corpus. As for data collection, a bibliographical research was carried out. The analysis will transit through the works from the pertinent aspects that demonstrate the intercultural relations in “O Saci”, by Monteiro Lobato (1982: ch. 1-6), relating it to the series “Cidade Invisível” (2021: ep.1). We will take as a reference the definitions about the Saci's image and behavior described in the works "O Saci Pererê: o resultado de um inquérito" (year), which brings together testimonies about experiences with Saci and "Dicionário do Folclore Brasileiro", by Câmara Cascudo (1954), which documents the legends and traditions in general of each region of Brazil. We also count, for the basis of the analysis, with the theoretical studies of Brandão (1984) who describes the folklore; Fleuri (2001) and Silva (2004) about the cultural homogenization; Duarte (2017) on intermedial studies, which discusses the transposition of literature to audiovisual production; On racism and black representation, we base ourselves on Cuti (2010), Sayers (1958), Almeida (2019) and Duarte (2011).

Keywords: Saci. Brazilian folklore. Legends. Black. Interculturality

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	TÓPICOS TEÓRICOS: CULTURA, MÍDIA E RAÇA	11
2.1	Folclore no Brasil	11
2.2	Cultura, Mídia e Raça	12
3	ANÁLISE INTERCULTURAL: DE MONTEITO LOMBATO À CIDADE INVÍSEL	19
3.1	O Saci Pererê	23
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Na infância, temos os primeiros contatos com as narrativas populares a partir das cantigas de ninar, cantigas de roda e histórias sejam elas contadas no seio familiar ou na escola. Tais narrativas são passadas de pai para filho, de geração em geração, nas quais dispõem de elementos fantásticos que fazem parte do imaginário popular para alegorizar as tradições e costumes de um povo.

Ao se tratar de narrativas populares, percebemos na sua construção a expressão cultural e social do povo brasileiro, nos fazendo imergir em uma questão inquietante: os conflitos interculturais que um povo tão pluralizado como o brasileiro traz consigo, em suas raízes sociais, marcas da mistura de etnias. Além disso, estão presentes conflitos gerados a partir de uma estrutura colonial que sustenta as bases da nossa sociedade na qual a cultura de referência é imposta pelo branco europeu e cristão. As demais culturas, como as de origem africana e indígena, tão presentes na formação do povo brasileiro, em detenção da cultura de prestígio, foram e são colocadas numa condição de subalternidade e marginalização.

As narrativas folclóricas, tão ricas em representatividade cultural através da oralidade genuinamente popular, vêm sendo acessadas e lembradas ao logo do tempo na data comemorativa de 22 de agosto. Geralmente, as narrativas são colocadas em evidência nesta data como um momento saudosista realizado no espaço escolar, tornando-se uma atividade pedagógica de valorização cultural, mas esta valorização torna-se superficial e agregada a uma visão de cultura hierarquizada onde o popular só aparece uma vez no ano. Por este contato superficial e problemático com o folclore na infância e adolescência, a população tende a banalizar o assunto, não reconhecendo a importância de discussões políticas e sociais que permeiam as narrativas folclóricas. Ao se tratar de narrativas orais tradicionalmente brasileiras, percebemos um *status* de monitoramento muito maior voltado ao cordel nos estudos atuais, tendo sua abrangência acadêmica e pedagógica cada vez mais crescente. O que não ocorre com as lendas que não são abordadas, seja na educação básica ou na academia, como um gênero textual/oral, tampouco são trazidas para a discussão de seus aspectos da formação social, valores e moral do Brasil.

Com o objetivo de trazer à luz as questões identitárias que as narrativas folclóricas podem projetar de forma mais complexa, analisamos a figura do Saci enquanto representação do negro, a partir da noção de interculturalidade, observando como essa representação se deu na passagem da lenda em sua versão popular para a mídia na indústria cultural contemporânea, evidenciando o reforço dos estereótipos e desigualdades que envolvem o negro na sociedade.

Para isto, realizamos uma pesquisa qualitativa, que apresenta percepções referentes ao *corpus* analisado. Quanto ao levantamento de dados, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, tomando obras como fonte de embasamento.

A análise transitará pelas obras a partir dos aspectos pertinentes que demonstram as relações interculturais em “O Saci”, de Monteiro Lobato (1982: cap. 1-6), relacionando-a com a série “Cidade Invisível” (2021: ep.1), disponível pelo canal de streaming Netflix. Tomaremos como referência as definições acerca da imagem e comportamento do Saci descritas nas obras “O Saci Pererê: o resultado de um inquérito” (1982, 35ª ed.), que reúne depoimentos acerca das experiências com o Saci e “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Câmara Cascudo (1954), que documenta as lendas e tradições em geral de cada região do Brasil. Contaremos ainda com alguns depoimentos extraídos da plataforma *Google*, de espectadores da série “Cidade Invisível”, avaliando e opinando sobre a presença das figuras míticas na produção.

Portanto, antes disto, é preciso deixar claro algumas concepções que abrangem a área a qual estamos tratando na presente discussão, de maneira que com a compreensão e escolha destes termos se possa associar também a intencionalidade que a semântica das escolhas nos trará. Dentre eles, o termo *folclore* (folk = povo / lore = ato de ensinar) que pode ser entendido, de forma generalizada, como toda a cultura e tradições por meio de histórias, danças, festas e costumes que representam a formação identitária de um povo. A partir dele, tomemos como gênero narrativo as *lendas* que são definidas por Nelly Novaes Coelho como:

lenda (lat. Legenda, legere = ler) é uma forma narrativa antiquíssima, geralmente breve (em verso ou prosa), cujo argumento é tirado da tradição. Consiste no relato de acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. É transmitida e conservada pela tradição oral. É também ligada a certo espaço geográfico e a determinado tempo (grifo do autor) (COELHO, 2000. p.171-172).

As lendas, portanto, são narrativas populares que se perpetuam e se reinventam à medida que são recontadas de geração em geração, geralmente de forma memorial e costumeira. Compreendemos as lendas como narrativas que apresentam muito além do maravilhoso e do imaginário. DION (2008, p.3) explica que o “discurso lendário, mais do que uma simples narrativa visando divertir um auditório, explora os valores morais de uma comunidade trazendo à luz tanto um exemplo a seguir, um modelo de indivíduo, tanto um contra-exemplo, um desvio de comportamento a ser evitado”.

Por isso, para o sociólogo Roger Bastide, “É preciso substituir as descrições analíticas, com cheiro de museu, que destacam os fatos da realidade em que estão imersos e da qual

recebem um sentido, por uma descrição sociológica que os situe no interior dos grupos.” (BASTIDE, 2014. p.1). Sendo assim, procuramos problematizar a leitura e a experiência com as lendas folclóricas, direcionando nosso olhar com seriedade no sentido de dar a devida importância e cuidado, analisar e refletir a partir dos símbolos e indicações da formação social e ideológica brasileira presentes nelas, como sugerido por Bastide (2014).

2 TÓPICOS TEÓRICOS: CULTURA, MÍDIA E RAÇA.

2.1 Folclore no Brasil

Podemos tomar como referência os primeiros pensamentos teóricos acerca do folclore no Brasil a *Carta de Folclore Brasileiro* (1951), que ensaiou a sistematização do que era considerado folclore. A primeira orientação da carta estabelece errôneo o fato de considerar folclore apenas o que é de caráter espiritual, sugerindo a amplificação do conceito para o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.

Sendo assim, já nos primórdios dos estudos do folclore brasileiro a necessidade de encaixar e definir conceitos, como no início de qualquer ciência. Uma das primeiras tensões lançadas pelos estudos do folclore foi a sua legitimação como ciência. Segundo Brandão (1984), o folclore é considerado “como uma disciplina diferenciada de uma ciência, a Antropologia, e não como uma ciência autônoma”. Quanto a isso, notamos uma certa banalidade em relação ao folclore que se estende com muito mais intensidade entre a população, que não reconhece o folclore como suas raízes culturais e sociais e sim como apenas um memorial de mitos, lendas, cantigas de roda e costumes que possam ser acessados para relembrar tradições.

A partir desse momento histórico, o conceito de folclore é expandido de apenas tradição popular à outras dimensões, segundo Brandão (1984). O autor estabelece ainda que a visão atualizada do folclore é sua capacidade de constante mudança e recriação da tradicionalidade a partir das novas vivências,

[...] o rito, a celebração coletiva que revive o mito como festa, com suas procissões, danças, cantos e comilanças cerimoniais. Não apenas a celebração, o rito, o ritual, mas a própria vida cotidiana e os seus produtos: a casa, a vestimenta, a comida, os artefatos do trabalho. (BRANDÃO, 1984. p.30)

Tal colocação do autor fundamenta a ideia de que podem surgir a partir das lendas folclóricas discussões pertinentes no mundo moderno, ou seja, mesmo sendo uma tradição oral que pareça ultrapassada pode renovar-se e com isso surgirem novas percepções a partir delas.

No Brasil, alguns estudiosos foram considerados folcloristas por se dedicarem às manifestações culturais populares, que além de terem o intuito de mostrar em suas obras as mais variadas tradições trataram o folclore como uma área científica. O principal folclorista que atingiu grande expansão e referência na área foi Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), historiador reconhecido por ir à fundo em seus estudos sobre as histórias e costumes que compõem a identidade nacional. Segundo Alves (2013), Câmara Cascudo “foi o pesquisador

mais proeminente do movimento folclorista, responsável por um dos maiores trabalhos de coleta e registro etnográfico¹ realizados no século XX.” (p.149).

Estudos de Cascudo (1954) e contemporâneos evidenciaram a valorização e a preocupação com o cunho científico voltado às manifestações folclóricas: “A formação de coleções de material folclórico atividade vista hoje como de menor importância, estava entre as nobres tarefas de estudiosos do folclore.” (GICO, 2016, p.56)

Notamos nas obras de Câmara Cascudo, como em “Dicionário do folclore brasileiro” (1951), “Geografia dos mitos brasileiros” (1947) e “Antologia do folclore brasileiro” (1943), uma disposição da catalogação dos fenômenos folclóricos. Portanto, não podemos deixar de acessar às obras de Câmara Cascudo como ponto de partida para tomar conhecimento do panorama folclórico brasileiro. Alves (2013: p. 149) acrescenta ainda que “Cascudo já era objeto de elogios e relatos de admiração por parte de autores como Mário de Andrade”.

Mário de Andrade também se dedicou ao folclore numa perspectiva crítica de acordo com o projeto Antropofágico. Viajou pelo interior do Brasil e registrou muitas lendas, incluindo algumas na obra *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (1928), uma rapsódia que contempla as lendas, elementos da natureza e a marcante representação dos povos nativos do Brasil.

O folclore brasileiro, portanto, reúne a expressão popular através de lendas, danças, cantigas de roda, ditos e mitos que demonstram os costumes, comportamentos e ideologias presentes na formação social da nação. E é pensando nisso que escolhemos o Saci para observar a partir dele os conflitos culturais que permeiam as narrativas folclóricas e constatar como o folclore transparece a sociedade a qual representa.

2.2 Cultura, Mídia e Raça

O conceito de “interculturalidade” alude à extensa diversidade de culturas existentes, não só no domínio nacional como por todo o mundo, interagindo entre si e automaticamente confunde-se com o conceito de “multiculturalidade”. No senso comum, a interculturalidade é concebida como uma coexistência pacífica entre as diferentes culturas, que a princípio, é um tanto idealista pois sabemos que as diferentes culturas trazem consigo problemáticas sociais, étnicas e ideológicas entrando em confronto. Há uma associação natural entre os termos “interculturalismo” e “multiculturalismo”, em alguns momentos sendo colocados como sinônimos, mas sendo esclarecidos por Vera Candau (2012) que as constantes tentativas de definição apenas reforçam a ideia de que o multiculturalismo é plural:

¹ Relativo à Etnografia, que é a ciência das etnias. Do grego *ethos* (cultura) + *graphie* (escrita).

Para alguns autores, estes termos se contrapõem, o multiculturalismo sendo visto como a afirmação dos diferentes grupos culturais na sua diferença e o interculturalismo pondo o acento nas inter-relações entre os diversos grupos culturais (CANDAUI, 2012. p.242).

Podemos tomar como o cerne da ideia de interculturalismo as inter-relações entre culturas, sendo assim, o multiculturalismo em ação. Segundo a autora, “a assimilação dos grupos sociais subalternizados à cultura hegemônica é a aplicação da interculturalidade, favorecendo a coesão social”. Para compreender melhor o conceito de interculturalismo podemos partir dos fatores originais da multiculturalização na história. A globalização enquanto avanços tecnológicos, econômicos, acesso à informação e comunicação propiciou a manifestação e, conseqüentemente, o diálogo entre culturas diversas.

No Brasil, uma mobilização multicultural marcou a década de 70 rompendo com a cultura repressora e cruel dos “Anos de Chumbo”². Nos anos de ditadura militar “os movimentos sociais e culturais foram submetidos a rígidos processos de controle e censura, favorecendo a homogeneização e alienação cultural” (FLEURI, 2001. p.47). A repressão e a prática etnocentrista se consolidou desde os primórdios da colonização na qual foram impostas a língua, cultura, religião e costumes europeus aos povos nativos e escravizados, havendo assim, um apagamento cultural. Nas palavras do historiador Mozart Silva (2004), podemos inferir que o poder político interfere na multiculturalidade com intenção nada inocente de unificá-la e homogeneizá-la. Conseqüentemente, essa busca por uma unidade cultural, advinda da ideia de definir uma identidade nacional, sempre vai privilegiar a cultura detentora de prestígio social:

A identidade cultural sob o signo do Estado-nação³ procurou anular, a partir de textualidades específicas, as diferenças internas como os regionalismos, o localismo, o comunitarismo, entre outras formas de idiosincrasias internas, como também as étnicas, religiosas e linguísticas. As diferenças linguísticas e étnicas a partir das narrativas identitárias nacionais foram sendo subsumidas tornando-se folclóricas ou formas pitorescas de manifestação sociais. (SILVA, 2004. p. 1-2)

Sendo assim, na verdade, a tentativa de homogeneização cultural significa a manutenção da subalternização do diferente do que é considerado padrão europeu. Podemos notar esse

²Anos de Chumbo refere-se à década de 60 até início dos anos 70 na qual o mundo passava por um processo de modernização, um marco na história política e economia brasileira, que viveu nesses anos a repressão do governo militar. A expressão faz uma alusão não só ao momento pesado e obscuro que o Brasil viveu, mas também ao armamento militar.

³ O termo Estado-nação pode ser compreendido como a instituição de um governo legitimado que controla e organiza as sociedades a partir das suas políticas. “Estado” pode ser definido como uma entidade política e geopolítica, já “nação” é uma entidade étnica e cultural.

processo em vários âmbitos sociais, mas tomaremos aqui como objeto de análise a grande mídia e a relação intermediária entre as artes, da literatura oral às séries de plataforma de streaming. Estamos falando do veículo que propaga informação e entretenimento em massa, e que desempenha um papel social delicado como formadora de opiniões. À mesma medida que desconstrói conceitos também pode reforça-los; leva à reflexão acerca das pautas políticas, ideológicas e humanitárias pertinentes na contemporaneidade, mas também revisita antigos preconceitos.

No tópico de análise do *corpus* trataremos mais à fundo as relações interculturais entre as personagens do livro “O Saci”, de Monteiro Lobato e da série “Cidade Invisível”. Por hora, podemos observar sob a perspectiva intermediária, que na série é feita uma inserção dos personagens fantásticos no mundo concreto. Personagens de lendas folclóricas que exprimem toda a identidade brasileira, passando a intencionalidade de valorizar a cultura e celebrar o folclore. A proposta de releitura das personagens as insere no contexto contemporâneo da metrópole, retratando o “Saci”, personagem negro brasileiro, como um morador de rua que vive em meio ao lixo em condições de extrema pobreza. Os estudos intermediários permitem que ocorra essa liberdade criativa do autor transitar entre culturas e entre as artes, como explica Duarte (2017):

Dentro dessa pluralidade de mídias, a literatura pode navegar por incalculáveis espaços, sendo que nenhum deles pode ser definido de maneira fronteiriça. Nada impede que o artista se valha de elementos da literatura clássica e tradicional, e nada o impede também de assumir posturas representativas da arte contemporânea, nada se exclui. (DUARTE, 2017. p.3)

Ainda que não se coloque em questionamentos a maneira como o autor pode explorar criativamente esses espaços na transposição entre a literatura e a criação audiovisual, há outras implicações a serem criticadas no presente texto. Tal maneira de representação da figura negra pode, ao invés de valorizar enquanto etnia e cultura presentes nas bases da formação do povo brasileiro, reforçar estereótipos depreciativos e racistas. Não é segredo algum que ao longo da história da literatura e das artes em geral o negro vem sendo representado de forma caricata: a escravidão sendo retratada na maioria das vezes a partir da perspectiva do homem branco, a mulata ardente que seduz e leva os homens à perdição, a cozinheira/empregada da casa grande que recria a atribuição das mães pretas que cuidavam e amamentavam os filhos das senhores, o marginal que vê oportunidades no crime e nas ruas para sobreviver. Tomaremos o seguinte trecho o pensamento do autor Luiz Silva, pseud. Cuti, como referência para ilustrar a relação entre o racismo e as produções culturais como literatura e mídia de massa que são nossos interesses:

O preconceito (conjunto de ideias e sentimentos genéricos a respeito de um determinado tipo de pessoa) antinegro está enraizado nos não negros e nos próprios negros. Tem sua origem na escravização e no racismo (teoria que buscou justificativas para o processo de violência e dominação dos povos de origem africana, disseminada cotidianamente nos produtos culturais, por meio do rádio, jornal, televisão, cinema, artes plásticas, literatura etc.). A discriminação (prática do preconceito que se constitui na rejeição do outro, seja por desqualificação verbal, seja por agressão física) instala-se não apenas no relacionamento entre as pessoas. A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. (CUTI, 2010. p.25)

Mesmo com muitas produções de autores negros que buscam o empoderamento virem conquistando espaços cada vez maiores na atualidade, muitas outras acabam caindo no mesmo ciclo da representação estereotipada que inferioriza com a desculpa de homenagear. Muito se deve aos traços de racismo estrutural⁴ na visão automática da sociedade sobre o negro, revelando um “complexo de vira-latas” que Cuti (2010, p. 22-23) explica como a *atitude de inferioridade em face do estrangeiro, que nasce dessa recusa os brancos têm em relação dos não brancos que compõem a nação e estes em relação a si mesmos*. Cuti (2010) traça, portanto, uma breve linha do tempo da representação que é feita do negro na história da Literatura, exprimindo nas obras esse menosprezo e negação de uma multiculturalidade que é teoricamente lúdica, como já discutimos anteriormente, mas que não é bem aceita na sua aplicação.

Sendo assim, até o século XIX a Literatura Brasileira e as artes em geral imprimiam total influência estrangeira, principalmente portuguesa. A partir dessa virada de tempo, aflorou-se um instinto de nacionalidade⁵ que buscou abordar elementos naturais do Brasil no período romântico da literatura. Cuti (2010) detalha que *além da temática (o bom selvagem, os amores arrebatados, a vida social urbana, a saga da escravização), o Romantismo investe na cor local, buscando na geografia brasileira os elementos que caracterizassem um traço identitário*. O autor continua explicando que as temáticas nacionalistas se perpetuam em outras escolas literárias como Realismo, Naturalismo e Parnasianismo, lembrando que os moldes de escrita ainda eram estrangeiros (p. 16). Sendo assim, o negro nesse período pós-abolição, era retratado

⁴ Segundo Silvio Almeida (2019), “Vimos que as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social. Desse modo, se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar. Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista.” (ALMEIDA, 2019. p.36)

⁵ Ensaio escrito por Machado de Assis em 1873 sobre a preocupação de expressar aspectos nacionais na literatura brasileira.

sob uma visão de *preconceito e comiseração* (p.16), uma visão que é impressa por muito tempo ao se referir à escravidão, tendo o negro sempre associado a esse período.

Retomamos aqui a ideia de que a literatura e a mídia são veículos que refletem pensamentos, comportamentos e momentos históricos da sociedade. Segundo Cuti (2010), a partir da segunda metade do século XIX, a produção literária começa a se preocupar em se definir como povo, surgindo assim, as discussões raciais em meio a essa busca. As discussões eram direcionadas pelos intelectuais como convinha: justificavam o desprezo, a colonização e a escravidão com a ideia de que a “raça” branca é superior congenitamente pois buscar razões que tornem a dominação violenta da colonização e da subjugação racial legítimas alivia a culpa (p.16-17). No século XX, o Modernismo se fez impactante com sua proposta ufanista evidenciando elementos nacionais ainda que de forma meramente folclórica, velando maiores conflitos.

Seguindo essas mesmas conjunturas acerca das questões raciais no Brasil, chegamos ao século XXI tentando esconder nossa verdadeira face racista, discriminando o que não pertence à cultura dominante de forma disfarçada e sutil em que muitos sim, passaram por uma desconstrução de conceitos e ainda estão nesse processo, e outros que reforçam os discursos racistas. *No Brasil, o racista acaba sendo concebido como um entre sem consistência concreta, um fantasma que, vez ou outra, resolve atacar os negros.* (CUTI, 2010. p.21).

O racismo velado começa a partir da ideia de que no Brasil não há brancos “puros”, enfatizando o processo de miscigenação, processo que a propósito se deu em grande parte por violência, e sugerindo uma democratização racial e cultural. A romantização desse processo se dá pela valorização dos traços físicos brancos que o mestiço carrega consigo, revelando assim, o desprezo pelas características próprias da ancestralidade africana. Sendo assim, a sociedade brasileira:

ora escancara seu racismo, ora se refugia comodamente por trás da mestiçagem e da noção esquiva de que no Brasil “ninguém é branco”. E que prossegue incólume na assunção (e imposição) dos padrões sociais, morais e estéticos difundidos *ad aeternum* pelo discurso eurocêntrico. A ponto de Nelson Rodrigues, ao refletir sobre a “solidão negra”, deixar para a posteridade uma de suas assertivas mais antológicas: “eis o que aprendi no Brasil: – aqui o branco não gosta do preto; e o preto também não gosta do preto. (DUARTE, 2011. p.25).

Sayers (1958) enfatiza como o processo de colonização iniciou, as origens do racismo em terras brasileiras e a desumanização do negro. O autor explica que tudo começa com a necessidade de mão-de-obra por parte dos portugueses, os indígenas não produziam como esperado pois não eram acostumados a realizar atividades pesadas, daí o estereótipo de lentidão e “preguiça” atribuído ao indígena. Com isso, o português encontrou nos povos africanos a

força bruta de trabalho que precisavam para os engenhos: “Centenas de escravos e trabalhadores livres colhiam a cana-de-açúcar, lidavam com as caldeiras, reparavam as máquinas, trabalhavam na casa-grande e brincavam com os filhos dos senhores.” (SAYERS, 1958. p. 59-60)

Já era possível perceber na literatura indícios documentados do processo de “coisificação” do negro, sendo comercializados e classificados pela força de trabalho. Podemos perceber que o clero só teve interesse em catequizar os povos indígenas, o negro era classificado como mercadoria, como “coisa”. (ibidem, p.61). Segundo Almeida (2019) isso se deve ao processo de desumanização, associar pessoas de determinadas culturas a animais é comum na prática do racismo. (p.22).

O racismo moderno, por sua vez, continua tendo origem na colonização, porém foi imbuído como uma superioridade e dominância natural do branco. Almeida (2019: 37-38) acrescenta que o racismo não se resolve apenas com a representação do negro em espaços de poder, ainda que seja essencial, é preciso implementar práticas antirracistas de forma efetiva para combatê-lo como:

- a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero. (ALMEIDA, 2019. p. 37).

Sendo assim, no Brasil é perceptível que as discussões acerca das questões étnicas no meio acadêmico, por exemplo, são bem aceitas e constantemente trazidas. Na mídia também se nota o crescimento da representação de personalidades negras tomando cada vez mais espaço, mas como alerta Almeida (2019) isso não basta. É preciso assumir uma postura antirracista e é essa a grande questão que permeia a modernidade, a reeducação da sociedade a partir da mudança de conceitos é um processo de conscientização, é sobre colocar-se no lugar do outro e notar que a pluralidade cultural e étnica precisa ser respeitada de modo que se questione e não se mantenha ideias e comportamentos advindos do colonialismo. Afinal, moldamos e nos adaptamos às novas realidades da globalização, dos avanços tecnológicos e as demais implicações do século XXI, por quê não nos despirmos de uma tradição racista e cada dia mais policiarmos falas, atitudes, olhares e pensamentos que possam ferir e atingir a humanidade do outro. Portanto, não basta só não ser racista, mas sim, antirracista.

A partir das disposições teóricas aqui apresentadas, analisaremos a lenda do Saci Pererê em suas diferentes “roupagens”, numa perspectiva intercultural, presente nas descrições de Câmara Cascudo, nas histórias fantásticas de Monteiro Lobato e na série “Cidade Invisível”.

3 ANÁLISE INTERCULTURAL: DE MONTEIRO LOBATO À CIDADE INVISÍVEL

Na segunda metade do século XX, iniciou-se uma constante busca pela igualdade entre os indivíduos, principalmente com a realização de vários Movimentos Sociais nos Estados Unidos e na Europa. Na atualidade, a luta por direitos iguais, respeito às diferenças e a assimilação da multiculturalidade tem sido pauta das discussões contemporâneas sobre os grupos sociais, nações e etnias. Como já havíamos mencionado, a mídia tem um papel determinante na propagação das ideias dessa luta, inserindo os sujeitos na cultura de massa pelos veículos tecnológicos mais populares como as redes sociais e as plataformas de streaming. Portanto, ao proporcionar informação e entretenimento se posiciona criticamente, em alguns momentos, promovendo a reflexão e conscientização acerca das questões políticas e ideológicas pertinentes à sociedade.

No período de isolamento social em decorrência da pandemia da covid-19 em que as pessoas não podiam sair de casa para realizar suas ocupações diárias pois não se tinha pleno conhecimento sobre o que estávamos lidando, sendo sobrecarregados de informação sobre o quão letal a covid vinha sendo, vivíamos um momento pré-apocalíptico. Em meio a todo colapso, houve uma alta velocidade dos acessos às plataformas de streaming que oferecem entretenimento através das produções que disponibilizam, proporcionando um momento de fuga da realidade no período de quarentena. A programação ajudou a tirar o foco de dentro das pessoas da tragédia que assolava o mundo, ainda que de forma momentânea. A informação excessiva, inevitavelmente gerou nos indivíduos estados de ansiedade, sofrimento e medo durante a pandemia. Por isso, insistimos em dizer que não diferente da mídia, a literatura, as artes em geral entre outras instâncias repercutem um momento histórico e social que estão inseridas e influenciam na formação de pensamento e conduta das pessoas que as consomem.

Nesse período, a série “Cidade Invisível”, disponibilizada pela plataforma *Netflix* a partir do dia 05 de fevereiro de 2021, foi lançada num momento devastador de incertezas acerca da pandemia da covid-19 que completava aproximadamente um ano. A série esteve entre os títulos mais assistidos da plataforma por ser uma produção nacional que misturou elementos fantásticos e naturais, entregando um contraste barroco entre o “parecer ser o que não é” das criaturas folclóricas coexistindo e adaptadas à vida nas grandes metrópoles, fora dos seus habitats, assumindo ocupações para subsistência e relações interpessoais.

Em breve sinopse, a série inicia trazendo um momento de tragédia e uma tensão sobrenatural na vida da personagem principal, um policial ambiental chamado Eric que perde sua esposa em um incêndio na mata. Sua esposa Gabriela, ativista O policial, em meio a sua

tristeza, presencia a cena de um boto-cor-de-rosa morto em uma praia do Rio de Janeiro. Tal fato o leva a adentrar no mundo mítico, tendo contato com as criaturas “invisíveis” e descobrindo cada vez mais sobre sua própria origem e a relação desse submundo com a morte de sua esposa.

Mesmo tendo um bom índice de acessos, opiniões se dividiram entre a crítica formal e o senso comum, ou seja, opiniões formadas por revistas digitais e sites que disponibilizam resenhas acerca das produções artísticas e literárias e entre a opinião do público em geral. O *Google*⁶ disponibiliza um espaço para que as pessoas avaliem as produções artísticas, como também produtos, sites, lojas, pontos turísticos e etc. Tendo em vista que é muito utilizado como navegador de busca e pesquisa, esses comentários são expostos para atestar qualidade e informar acerca das experiências. Alguns comentários da plataforma sobre *Cidade Invisível* (2021) demonstram que mesmo se tratando de narrativas antiquíssimas do folclore brasileiro, resgatam questões tão atuais e despertam nas pessoas um senso crítico que busca a identificação cultural e social de forma expressiva nos personagens da série.

Fazendo um recorte do primeiro comentário disponível, que vem acompanhado por cinco estrelas, mostra a satisfação da expectadora que se identifica como Jackeline Veiga:

Assisti a série por completa em 1 dia. Iniciei assistindo sem grandes expectativas, em função de se tratar de um tema que remetia a lendas, contadas na minha infância (assim como nunca investem muito no cinema brasileiro). Não achei que produziram algo tão profundo, quanto a conexão total com a natureza e seu equilíbrio. [...]” (avaliação disponível no Google por Jackeline Veiga sobre a série “Cidade Invisível”, 2021)

O trecho do comentário aborda em um primeiro momento o preconceito comum sobre as produções audiovisuais nacionais. Isso nos remete ao “complexo de vira-latas”, preferindo consumir o que vem da indústria cultural estrangeira, menosprezando o que é do Brasil. Tal menosprezo é argumentado pela internauta no comentário acima pela falta de investimentos para a produção. Salienta também não ter criado expectativas por se tratar de lendas, o que demonstra uma falta de interesse sobre o folclore. A hipótese pertinente para essa falta de interesse se deve à trivialidade remetida ao folclore, como já evidenciamos anteriormente, a tradição pode ser malvista pelos mais jovens como antiquada. Portanto, a forma banal como o folclore é tratado no Brasil é o que motiva a presente discussão, pretendemos trazer à reflexão que é possível atrelar narrativas populares que surgiram há gerações passadas com questões socioculturais latentes na contemporaneidade.

⁶ Traduzido do inglês-A Google LLC é uma empresa multinacional americana de tecnologia com foco em tecnologia de mecanismos de busca, publicidade online, computação em nuvem, software de computador, computação quântica, comércio eletrônico, inteligência artificial e eletrônicos de consumo.

No segundo momento do comentário, a internauta conta sobre como o enredo da série a surpreendeu. Neste trecho, o preconceito é desconstruído pelo contato e experiência com a obra e confirma que a série se voltou para a cultura brasileira sob a hipótese de valorização da pátria e do povo a partir do folclore, essa característica é inegável tendo em vista que é o tema central da trama.

Adorei a profundidade que deram aos personagens. Com isso conseguiram me fazer conectar com a intenção do enredo. Não imaginava que gostaria. Mas tenho que admitir que foi muito bem produzido e escrito. Tem uma história envolvente, ainda mais pela representatividade que isso trás para nossa cultura brasileira. Me senti orgulhosa de vários elementos que representam nosso Brasil, a trilha sonora, as gírias, as lendas. Os efeitos visuais foram pontuais e muito bons.” (avaliação disponível no Google por Jackeline Veiga sobre a série “Cidade Invisível”, 2021)

Como comentamos anteriormente, a série dividiu opiniões do público e da crítica formal acerca da representação e símbolos da cultura popular brasileira. O avaliador Leonardo Mendonza foi enfático ao comentar que “NENHUMA das lendas descritas na série está em uma situação de protagonismo e independência. Mesmo no final da primeira temporada da série, quem tem a solução para vencer o "vilão" Corpo Seco, não é o Curupira e sim o detetive, o galã de novela, branco, classe média, que está longe do padrão indígena ou negro.” (trecho da avaliação disponível no Google por Leonardo Mendonza sobre a série “Cidade Invisível”, 2021). O comentário continua detalhando a atuação de cada personagem na série, o Saci, portanto, na visão do internauta:

“mora” numa ocupação, em sua origem, “arranca a própria perna pela liberdade”, quando era mais comum é que os brancos mutilassem seus escravos. Em sua tentativa de tentar ser uma espécie de X-men brasileiro, embora o Saci tenha o poder do redemoinho, quase não é usado (como faria a Tempestade) e ele é infantilizado pelo "gorro”.

O trecho acima traz a evidência do quão questionável é a maneira como foram inseridas as entidades míticas no enredo. A partir de um olhar mais crítico e amadurecido, com base teórica, podemos perceber e concordar com o telespectador acima. É notório que as lendas estão à margem, exercendo função de plano de fundo, para a discursão de conflitos ambientais e a investigação da morte da esposa do personagem principal. Portanto, a representação do folclore brasileiro propriamente dito, enquanto cultura popular, relações interculturais, as discussões a serem despertadas a cerca de uma identidade brasileira se torna superficial. Essa superficialidade foi criticada não só pelo público, mas também pela crítica formal, o trecho da

resenha feita pela jornalista Mariana Canhisares (2021) no site Omelete⁷, confirma a crítica feita anteriormente de que os personagens míticos são retratados de uma maneira que reforça estereótipos e a intenção de uma valorização não foi atendida em sua completude, vejamos:

Debate que permeia toda a trama, a desvalorização das tradições orais se faz presente até na caracterização das figuras do folclore. Saci, Cuca e companhia vivem às margens da sociedade carioca, escondidos, e travam uma guerra fria com inimigos - reais e espirituais - que querem eliminá-los. Apesar de ser uma representação interessante, é notável o desequilíbrio na abordagem das trajetórias individuais. Enquanto Inês, a personagem de **Alessandra Negrini**, tem bastante espaço para expor seus objetivos, outros personagens vêm e vão na *série* quando é conveniente ao roteiro. Isac (**Wesley Guimarães**) é talvez o caso mais claro desse descompasso. No início da trama, ele é muito importante por servir de porta de entrada para a filha de Eric - e para o próprio espectador - no universo urbano e folclórico de *Cidade Invisível*. Mas, passados os primeiros episódios, ele é completamente esquecido. Só volta a ter relevância na reta final, quando a produção atinge o clímax. (CANHISARES, 2021. Trecho retirado do site “Omelete”)

As duas opiniões, tanto do espectador quanto da jornalista, mostram um certo desconforto causado acerca da diferença estabelecida entre os papéis de evidência. Entendemos que os personagens das narrativas folclóricas são utilizados como pretexto para a tensão policial da trama. O personagem Saci é citado em ambos como uma reprodução infantil, que não está em evidência assumindo uma postura servil que discutiremos mais a fundo posteriormente. Nota-se a diferença hierárquica na relação entre as entidades na qual a Cuca é retratada como uma espécie de líder e as demais figuras prestam serviços a ela. Sendo assim, dá-se a entender que há uma relação de poder entre os personagens, o que reforça a condição de sujeição do Saci, simbolizada pela tomada do gorro que na *série* é representado por uma espécie de lenço ou bandana vermelha. A tomada do gorro tem grande importância simbólica que explicaremos mais à frente quando refletirmos, à luz da interculturalidade, a representação da entidade folclórica feita na *série* com as obras de Monteiro Lobato, autor que tornou a figura do Saci mais conhecida e evidente nas suas histórias.

Além das críticas dos espectadores e da jornalista que opina sobre os lançamentos de cultura pop, a *série* recebeu críticas de ativistas indígenas nas quais reclamavam uma falta de conhecimento e respeito na construção dos personagens folclóricos. O redator do portal “Olhar Digital”⁸, Luiz Nogueira (2021), expõe o parecer do ativista que acredita que a *série* “pode confundir quem assiste, já que pode “colaborar a venda da imagem de um Brasil onde a cultura

⁷ O **Omelete** é um site brasileiro de entretenimento que aborda alguns temas da cultura pop como cinema, HQs, música, televisão e jogos eletrônicos.

⁸ **Olhar Digital** é um programa de televisão brasileiro e uma plataforma na internet de informações, com foco em tecnologia.

sagrada de um povo é tratada como uma fantasia exótica, reforçando pensamentos equivocados que os gringos têm sobre nossa cultura” (trecho retirado do portal “Olhar Digital”, 2021).

A colocação acima corrobora com a prospecção que continuaremos a desenvolver em seguida, o reconhecimento das lendas como retrato que incidi os costumes e valores da sociedade brasileira vai muito além da inserção das entidades folclóricas nas obras literárias e cinematográficas como o objetivo de celebrar a tradição. Mostraremos a partir da figura do Saci Pererê que se trata de questões mais complexas como a identificação cultural e a desconstrução dos preconceitos e estereótipos que permeiam o povo brasileiro, questões que não conseguimos identificar nas produções artísticas analisadas, reforçando os conceitos depreciativos.

3.1 O Saci Pererê

Dentre as criaturas míticas, escolhemos o Saci Pererê como objeto de estudo. Tal escolha se deve ao fato de o Saci ser uma figura referência para o folclore brasileiro, não se fala de folclore no Brasil sem mencionar sua lenda. Descrito como um personagem negro, não lhe é atribuída uma representatividade de resistência e valorização da negritude, o que é compreensível se tratando de um mito tão antigo que acompanha seu tempo, no qual não havia essa preocupação. Pelo contrário, as histórias reforçam o preconceito racial originado na colonização. Embora as lendas tenham mais de uma versão, dependendo da região e da geração que as propagam, a lenda do Saci se assemelha nas suas ressignificações ao longo do tempo. Essas “releituras” fazem parte do caráter oral das narrativas populares, contos passados de geração em geração, de boca em boca que naturalmente sofrem a ação do tempo, contextos histórico e espacial como já mostramos pela definição de Nelly Novaes Coelho (2000).

Antes mesmo de inserir o Saci na sua obra, Lobato já documentava em *Saci Pererê: O resultado de um inquérito* (1918) depoimentos de populares sobre suas histórias de experiências com aparições do “diabinho”. O texto é considerado o primeiro livro destinado à lenda, nele Lobato também descreve as características comuns nas variedades de versões contadas:

A figuração do Saci sofre muitas variantes. Cada qual o vê a seu modo. Existem, todavia, traços comuns sobre os quais a opinião é quase unânime; uma pera só, olhos de fogo, carapuça vermelha, ar brejeiro, andar pinoteante, cheiro a enxofre, aspecto de meninote. Uns tem-no visto de camisola de baeta; outros de calções curtos, a maioria o vê nu. (LOBATO, 1918. p.102).

A narrativa folclórica também é objeto de estudo de um dos principais folcloristas brasileiros, o qual tomamos como referência, ou seja, Câmara Cascudo. Para Câmara Cascudo (2004), “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social.

É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos”. É em torno desta afirmação que fundamentaremos a análise acerca do que a lenda do Saci Pererê pode nos trazer à reflexão nas versões consideradas originais, como a de Monteiro Lobato (1982), até a releitura feita pela série “Cidade Invisível” (2021).

Em meio às múltiplas versões que a lenda assume, Câmara Cascudo, folclorista importantíssimo que se dedicou a investigar e documentar o folclore brasileiro, descreve o Saci Pererê como:

Entidade maléfica em muitas, graciosa e zombeteira noutras oportunidades, comuns nos Estados do Sul. Pequeno negrinho, com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto, amigo de fumar cachimbo, de entrançar as crinas dos animais, depois de extenuá-los em correrias, durante a noite, anuncia-se pelo assobio persistente e misterioso, inlocalizável e assombrador. (CASCUDO, 1954. p.794).

É a partir da descrição documental de Câmara Cascudo que podemos tomar como referência e aludir às histórias que ouvimos quando crianças acerca da imagem que se tem do Saci. As mesmas características se aproximam da representação do Saci para o escritor Monteiro Lobato, que retrata a entidade inserida no narrativa infanto-juvenil de forma mais lúdica, sem que se perca o caráter mítico. O Saci, portanto, é inserido no ambiente do Sítio, revelando-se a Pedrinho⁹ e vivendo aventuras com ele. O encontro de culturas, então, começa a acontecer. Na verdade, esse choque cultural acontece antes mesmo do Saci na narrativa de Monteiro Lobato: Tia Anastácia e Tio Barnabé já o representam. Tais personagens também são importantes para percebermos a construção da imagem do negro na narrativa, sendo assim, vejamos a descrição do Saci feita por Tio Barnabé:

O saci — começou ele — é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pito aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sanção estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo. (LOBATO, 1982. p.18).

Câmara Cascudo (1954) no seu verbete acerca do Saci, em *Dicionário do Folclore Brasileiro*, ressalta: “Os cronistas do Brasil colonial não o mencionam”. (p.796). Tio Barnabé e Tia Anastácia, em *O Saci*, de Lobato (1982), esclarecem a curiosidade Pedrinho alegando que

⁹ Um dos personagens centrais das produções de Monteiro Lobato (1882-1948). Pedrinho, é neto de Dona Benta, que mora na cidade, mas passa as férias no sítio da vó onde vive grandes aventuras e fantasias ao lado da prima Narizinho, da boneca de pano Emília, Visconde de Sabugosa entre outros seres.

a existência e a história do Saci é coisa que branco da cidade nega (p.17). As duas colocações reafirmam o racismo enraizado na sociedade brasileira, que nega veemente suas próprias origens.

A sociedade abolicionista do século XIX perpetuou a escravidão, não só por fatores históricos como a falta de condições de sobrevivência aos negros após a Lei Áurea, fazendo-os permanecer em situação de servidão, como também pelo aprisionamento cultural no qual, a exemplo da lenda do Saci, sempre houve a negação e o apagamento da cultura do negro. Tio Barnabé e Tia Anastácia representam esses negros alforriados que continuavam vivendo em servidão. Na literatura, mantêm os papéis do preto velho e da mãe preta, ao dispor da casa grande. São personagens secundários que circundam as questões étnicas e culturais que observaremos no personagem principal, o Saci.

No momento em que Tia Anastácia foi questionada por Pedrinho acerca do Saci demonstrou certo medo e desprezo ao falar da lenda, “Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias correntes a respeito do endiabrado moleque duma perna só.” (ibidem, p.17). A criada faz a um sinal da cruz exclamando “credo” e por não se sentir confortável com o assunto, sugere que Pedrinho vá conversar com Tio Barnabé, dizendo: “Pois saci, Pedrinho, é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há — mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto saci. Nunca vi nenhum, mas sei quem viu.” (ibidem, p.17).

Podemos relacionar a partir da atitude e da fala de tia Anastácia um resgate da cultura e sabedoria do seu povo, remetendo à uma cultura sertaneja “no meio do mato” que a cultura dominante nega e menospreza. Vemos aqui também refletido nessas relações o conflito estabelecido entre a modernidade da cidade e a simplicidade do interior o que atrela as lendas e o folclore em geral ao seu caráter popular do que vem do sertão, do interior do Brasil, do “mato”. Tal pensamento nos sugere que na cidade grande não há espaço para “crendices”, o vocábulo nos dá a entender que os mitos e lendas são inverdades e superstições, o que questiona o valor enquanto cultura e identidade. Esse diálogo das lendas com a contemporaneidade pode ser percebido nessa passagem contemporaneidade quanto relacionamos que tudo que é popular, oriundo das classes baixas e “minorias” são descredibilizadas e desvalorizadas, dentro da licença poética das obras de fantasia de Lobato em que as criaturas lendárias existem e atuam no Sítio.

Delineando um paralelo com a contemporaneidade, acerca da imagética do Saci, tomemos o primeiro episódio da série “Cidade Invisível”, que temos como suficiente para compreender como se dá a sua passagem durante toda a produção. A lenda nos oferece símbolos

que compõem essa imagem tão peculiar e tal descrição foi mantida na série: Isac, (nome dado com as mesmas letras do nome original, mas em outra ordem) usa um lenço vermelho amarrado em sua cabeça que alude à carapuça, símbolo comum em qualquer menção do Saci.

Segundo a lenda, a carapuça representa seu poder e força, se retirada dele, o faz de quem a tomou seu escravo, como nas palavras de Tio Barnabé, “A força dele está na carapuça, como a força de Sanção estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo.” (LOBATO, 1982, p.18). Buscando atribuir sentidos a partir de uma análise intercultural, observando a construção discursiva racista presente nas produções artísticas e em toda a sociedade, a ideia da carapuça como símbolo de poder pode ser interpretada como uma alegoria sobre a identidade a cultura do povo negro, que foram tomadas no ato da dominação e apagamento da colonização.

O símbolo “carapuça” é muito conhecido no Brasil, presente num dito popular muito utilizado: “se a carapuça serviu”. O dito geralmente é mencionado quando alguém toma para si algo que foi falado por alguém, sem que fosse deixado claro no ato de fala para quem se destinava. A carapuça pode ser compreendida como uma máscara, uma faceta, uma fantasia que o Saci utiliza assumindo uma personalidade mais confiante e dona de si, portanto, a “carapuça” é um símbolo de empoderamento, é como se ao retirá-la é perdida a identidade de um povo, o que o torna frágil e manipulável.

Em concordância com a lenda, a série retrata em cena um momento em que uma outra criatura folclórica “O Tutu”, intercepta o Saci próximo às ruínas usadas como ocupações localizadas no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, local onde em meio aos comércios e bares famosos da noite carioca, há um cenário de degradação, pessoas em situação de rua, usuários de drogas, um ambiente extremamente sujo e insalubre. Ao Saci ser abordado, o “Tutu” retira sua carapuça e o ordena a procurar informações sobre o policial Eric, que estava investigando a aparição do boto-cor-de-rosa encontrado morto, que se transmutou para a forma humana em seu carro. Para que o Saci atendesse a ordem, era preciso tomar a sua carapuça para que ele se tornasse um “escravo”.

Em *O Saci*, de Lobato (1982, p. 24-26), Pedrinho expressa o desejo de capturar o Saci. Tio Barnabé o orienta a prender o Saci numa garrafa que tenha uma cruz riscada na rolha, a lenda diz que para capturar uma Saci era preciso esperar um redemoinho de vento e jogar uma peneira. Assim fez Pedrinho e conseguiu aprisioná-lo. Esse momento reitera o simbolismo da exploração dos serviços de Saci, assim como Isac em “Cidade Invisível”, foi preciso realizar as tarefas e auxiliar seus “donos” (Cuca e Pedrinho) para restituir sua liberdade e sua carapuça. A dominação mais uma vez é retratada, Pedrinho sentiu-se orgulhoso ao capturar e prender o Saci

e quando se viu em apuros usufruiu do seu poder e conhecimento da mata para tirá-lo de lá antes que escurecesse.

Portanto, em um pensamento alusivo podemos reinterpretar a lenda a partir dos símbolos que ela nos apresenta, assim também foi feito na série no momento em que a representação de uma lembrança do Saci é relatada referente à falta de uma perna. Na lenda que é contada de geração em geração, não fica claro o porquê de o Saci não ter uma das pernas, o autor da série ressignificando os símbolos na sua releitura, insere o fator histórico da escravidão para atribuir essa identidade ancestral ao personagem. Na cena, o Isac (Saci) está preso a correntes, num tempo-espaço longínquo da sua existência sobrenatural, suas vestimentas e os elementos que foram inseridos no ambiente criou-se a representação de uma situação de castigo e maus tratos aos escravos. Na sequência, o Saci tenta insistentemente se libertar da corrente que o prende pela perna, e como não consegue corta sua própria perna e foge pela mata.

O autor, a partir da sua subjetividade criativa, adiciona a sua versão da lenda. A ressignificação é válida, partindo do pressuposto já mencionado no presente texto, de que o folclore enquanto uma manifestação cultural se renova de acordo com as vivências. Neste caso, a cena incorporou ainda mais um histórico atrelado ao negro, que é a escravidão, trazendo outra roupagem ao passado do Saci. Se compararmos com a narrativa popular mais comum, veremos que não há correspondência entre o personagem e a escravidão propriamente dita. As ressignificações aqui, portanto, são bem vindas, mas também delicadas pois em tempos de abertura ao diálogo acerca dos preconceitos e desigualdades, não há espaço para a perpetuação dos fantasmas do racismo.

Como já podemos notar, as características físicas e comportamentais dialogam entre as versões, assim como a demonização atribuída à lenda por suas traquinagens. Uma “malandragem” muito peculiar ao se tratar de cultura popular brasileira, uma imagem tecida pelos povos estrangeiros que remete à gíngã e o “jeitinho” brasileiro. A que se refere esse jeito? A maneira só nossa de lidar e sair de situações difíceis usando de esperteza. Trata-se de um estereótipo pejorativo atribuído à cultura brasileira que coloca em questionamento a honestidade dos indivíduos, principalmente aos indivíduos de pele negra. Daí retiramos também um dos fatores que corroboram na visão marginalizada sobre o povo negro, que é retratada expressivamente no Isac de “Cidade Invisível”:

Neste contexto a figura de um ser negro, marcado pelo comportamento primário e selvagem, reforçava o próprio status quo da época, na qual os negros eram vistos como animais primários e permanentemente tentados a enganarem seus senhores brancos (CARNEIRO, 2010. p.60).

Isac (Saci) mantém seu comportamento como descrito na narrativa folclórica, as chamadas “reinações” como menciona Lobato (1982). As reinações descritas por Tio Barnabé demonstram ações consideradas diabólicas que são tomadas como justificativa para a demonização que permeia o senso comum acerca da lenda do Saci.

Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça. (LOBATO,1982. p.18 – 19)

A demonização advém do pensamento eurocentrista que remete o negro e seus costumes, principalmente atrelada a religiões de matriz africana, às trevas. Naturalmente, as figuras sobrenaturais causam medo a quem conhece as histórias. Lobato cita que “o medo gera o sobrenatural. Divindades e demônios têm a origem comum da treva” (p.99).

A luz, portanto, desfaz toda a fantasia e torna à realidade na qual os seres se recolhem. Percebemos aqui, portanto, a antítese entre a luz e as trevas e como de costume, o que pertence à cultura estimada remete à luz e o que se refere à cultura popular de origem negra e indígena é designado às trevas. Essa relação é evidente no âmbito religioso, no qual o cristianismo é bem aceito em diferentes sociedades, no Brasil de maioria cristã demonstra a grande consolidação da colonização portuguesa. Já as religiões de matriz africana ainda sofrem intolerância de repúdio da sociedade, herança racista do apagamento cultural ocorrido no mesmo período histórico. Traços desse conflito estão presentes na lenda do Saci a partir dos símbolos religiosos, que servem para “afugentar” o “demônio”, como mencionado em um dos depoimentos reunidos por Lobato (1918), O meio mais eficaz para afugentá-lo é, segundo dizem os fluminenses, chamar três vezes pela Virgem Maria, à qual ele tem um grande horror. (p.71). Evidências da demonização do negro e do conflito religioso aparecem também na mesma obra, no trecho em que o escritor destina a dar voz ao Saci sobre sua própria história:

Mas voltemos às coisas que de mim disseram. Não sou negro nem cabra: filho legítimo de cabocla, caboclo tenho me conservado em São Paulo e por isso e não por ser “coisa-ruim” é que ainda não fui 'pro céu, pois a verdade é que:
Caboclo não vai pro céu
Inda que seja rezado,
Caboclo tem cabelo duro
Cutuca nosso senhô (Ibidem, p.158)

Neste trecho fica claro o racismo como uma constatação muito clara e muito naturalizada na sociedade, a certeza de uma superioridade branca em detrimento da incapacidade dos povos negros é percebida na escrita de Monteiro Lobato.

Devido a todo histórico de dominação violenta e escravização do povo negro, é comum perceber reações agressivas por parte do indivíduo oprimido que busca libertação. Tal libertação no mundo moderno, que não se trata mais de correntes e engenhos, implica nas amarras culturais que circundam a sociedade, o preconceito e o racismo que ainda são recorrentes, porém negados como se já não existissem.

Podemos perceber no cotidiano as “reinações” do Saci refletidas nas atitudes de quem sofre racismo. Não estamos falando aqui de traquinagens, mas sim comportamentos agressivos e destemperados como forma de reação à opressão sofrida. É como uma criança que quando mal tratada, revolta-se e passa a responder com a mesma hostilidade que é dirigida a ela pois só teve contato com essa realidade. Portanto, as reinações que o Saci aprontava podem ser inferidas como resposta de uma profunda revolta por todo o histórico de horror da escravidão, Carneiro (2010) confirma a inferência quando salienta que “Embora a literatura de Lobato nos forneça um texto jocoso em relação às peraltices do saci, inevitavelmente criamos uma ponte entre as suas artes e as sabotagens cometidas pelos escravos” (p.60).

Na série, as “reinações” aparecem na sequência de cenas em que o Saci vai em busca de informações sobre o policial que encontrou a criatura folclórica na praia. Como descrito anteriormente, Saci teve sua carapuça tomada por “Tutu” como um ato de dominação, e logo foi cumprir o que havia sido ordenado. Por sua natureza de fazer “diabólicos”, Saci entra na casa de Eric mexendo na cozinha ao invés de seguir seu objetivo que é reaver o corpo do boto que estava morto na traseira do carro do detetive. Antes de entrar na casa, o Saci provoca um grande vento que tira a atenção das pessoas para que ele pudesse entrar. Enquanto Saci mexe no leite, brinca com panos de prato e rouba biscoitos, chega filha de Eric que se encanta pelos truques de mágica que ele apresenta para distraí-la.

Nesse momento há mais evidências da correspondência com a narrativa tradicional aproximando-se muito mais da figura que Monteiro Lobato propagou em suas obras, nas quais o Saci se apresenta de forma mais lúdica sempre próximo a uma criança, uma das críticas feitas à releitura por manter uma superficialidade ao Saci a partir desse caráter infantil. Ao mesmo tempo se contradiz, adicionando ao Saci uma imagem que pende à marginalidade, atribuindo a ele uma experiência de rua e sagacidade para manter-se nesse meio.

As evidências provadas pelas alusões simbólicas entre as obras aqui analisadas nos mostram uma representação do Saci mantida e em consonância com as versões mais conhecidas

ao longo do tempo, a série de Carlos Saldanha (2021) atualiza o cenário da lenda colocando-a em um novo tempo, um tempo que apesar de moderno não sugeriu uma atualização também atuação do personagem no ambiente. Sem dúvidas, a cultura popular foi representada na série tal como nas lendas e costumes originais brasileiros, talvez fosse essa a principal intenção de inserir tais elementos na produção.

A representação foi fiel principalmente nos elementos caricatos do folclore, adicionando um mundo fantástico paralelo ao “corre-corre” da cidade dando a entender que inerente à sociedade há seu passado e sua ancestralidade presente. Essa aproximação da tradição foi tão literal que não houve espaço para a problematização de questões latentes que poderiam ser atualizadas de forma conjunta com o cenário em que as figuras folclóricas foram “encaixadas”: O Saci enquanto um personagem negro poderia ser uma ponte para a discussão do racismo estrutural velado do cidadão brasileiro branco que acredita ser superior.

No entanto, a série não se arrisca em desconstruir estereótipos e os tonifica a partir de Isac, que é exposto a vulnerabilidade social, conservando o que foi determinado nos primórdios da abolição em que os povos escravizados permaneciam servindo aos seus senhores por abrigo e comida se estendendo até a atualidade na qual o negro é condicionado à um esforço muito maior para conquistar espaços pois não ocupa o mesmo nível de privilégios. Almeida (2019), explica a respeito do reforço do racismo feito pela mídia:

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. (ALMEIDA, 2019. p.51)

Comparando a série com as versões tradicionais da lenda, identificamos que se mantêm a subalternização da figura do Saci e se mostram um discurso ainda mais preconceituoso, equivalente ao seu tempo. Há uma exigência maior de uma postura mais crítica e antirracista da “Cidade Invisível” por ser uma série recente, veiculada pela indústria cultural e que trouxe problematizações relevantes sobre o descaso das autoridades com a preservação ambiental. No entanto, o Isac se tornou um personagem secundário, assim como as demais entidades folclóricas, compondo um eixo de apoio para o protagonista Eric lograr suas descobertas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente texto, refletimos sobre a figura do Saci Pererê inserida na série “Cidade Invisível” (2021) a partir da narrativa folclórica contada tantas vezes em diferentes versões de boca em boca na tradição popular, documentadas pelos folcloristas brasileiros em destaque Câmara Cascudo (1898-1986), que foi o mais empenhado folclorista a reunir em suas obras as mais diversas manifestações culturais brasileiras. A partir do problema levantado acerca da representação do Saci nas obras escolhidas, fizemos uma análise com base em uma perspectiva intercultural que nos permitiu contemplar o reforço do processo de inferiorização do negro, sua cultura e ancestralidade africanas mediante à predominância e valorização cultural colonizadora naturalizada desde “O Saci” de Lobato à “Cidade Invisível” de Saldanha.

Partindo do princípio de que o Brasil é multicultural e mestiço por natureza, o que se espera é uma democratização de culturas vivendo em harmonia. Mas sabemos que essa pacificidade entre as diferenças não existe, o acolhimento da ideia da mestiçagem e unidade cultural na verdade é uma nuvem que encobre o racismo no Brasil. O discurso de que ninguém é “puramente” branco no país falseia um pensamento coletivo de superioridade, como se todos fossem iguais, mas o que se deve levar em consideração é justamente as diferenças, respeitá-las e reconhecê-las como importantes para promover o diálogo entre culturas, etnias e nações.

A lenda do Saci, portanto, representa essa mistura de etnias e culturas, muitas vezes, romantizada ao longo do tempo na identidade brasileira. O Saci carrega consigo a fusão dos povos indígenas e africanos, e segundo Lobato (1918) nada do povo colonizador, por isso sua presença é tão recorrente ao se tratar da mitologia nacional. O “negrinho endiabrado” sugere a alma do brasileiro, toca diretamente à sua “ferida” e simboliza justamente tudo que se quer negar, por isso há um desprezo “natural” atribuído ao Saci. Demonstramos no presente texto que a demonização atribuída ao Saci é uma designação racista, na qual se relaciona medo e aversão à sua figura, isso se deve à ordem etnocentrista que toma como referência a cultura de prestígio como verdade absoluta e modelo para as demais.

Nos depoimentos extraídos no Google por espectadores da série “Cidade Invisível” quanto nos textos feitos por jornalistas em portais de cultura e arte pudemos perceber que há uma crítica latente à maneira foi transposta de narrativa oral para produção cinematográfica. Pensando no espaço fértil que a mídia digital dispõe, a oportunidade de promover uma reflexão acerca da desconstrução de estereótipos e preconceitos que envolvem a figura do Saci foi desperdiçada, corroborando assim com a marginalização que permeia o negro. Tais

depoimentos mostraram também que ao mesmo tempo que o público brasileiro se identificou culturalmente por meio de símbolos e imagens, porém percebeu uma representação superficial.

Com isso, notamos que desde Lobato à “Cidade Invisível” a noção de interculturalismo descrita por Cadeau (2012) é naturalizada ao longo do tempo como “coesão social” que promove o apagamento das culturas não hegemônicas. Como já evidenciado anteriormente, a “mistura” de povos pode significar o esforço para um “embranquecimento” tão bem aceito como a ideia da mestiçagem na qual “todos são iguais” e “ninguém é branco no Brasil”, velando a partir da aplicação da multiculturalidade, a manutenção das desigualdades sociais. A “assimilação” da cultura hegemônica, portanto, é consolidada nas obras analisadas por subjugar a imagem do Saci e o que ele representa à um papel associado ao mal e ao que fica à margem.

Concluimos que a representação do Saci se refaz no presente apenas de forma estética em relação ao passado de Lobato, mantém fielmente os símbolos da narrativa tradicional. A série “Cidade Invisível”, portanto, por ser uma produção que acompanha o seu tempo sendo um gênero que conta com as ferramentas digitais, não quebra tabus ao inserir os mitos no audiovisual, mas os reafirma com uma roupagem contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Elder Patrick Maia. **O Movimento Folclórico Brasileiro: Guerras Intelectuais e Militância Cultural entre os Anos 50 e 60**. Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, edição dupla, nº 12, jan./dez., 2013, pp. 131-152
- ANDRADE, M. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- BASTIDE, Roger. **Sociologia do folclore brasileiro**. Pensamento comunicacional uspiano: comunicações culturais: pensamento seminal: raízes da pós-graduação e da pesquisa avançada: volume 4 / organizador José Marques de Melo -- São Paulo: ECA/USP, SOCICOM, INTERCOM, 2014. p. 39-72.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos 60).
- CANHISARES, Mariana. “**Cidade Invisível mistura folclore brasileiro e suspense em narrativa envolvente**”. Omelete. 2021. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/netflix/criticas/cidade-invisivel> Acesso: 13/11/2022
- CARNEIRO, Fabianna Simão Bellizzi. **Mandingas, Mistérios, Feitiços e Traquinagens: Saci-Pererê, um Mito Brasileiro em Análise**. *Revista Visão Acadêmica; UEG-GO*; 10/2010;
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edioro, 1954. (Coleção Terra Brasilis).
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 13.ed. São Paulo: Global, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. Vol. 1. 9ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- CIDADE Invisível, Carlos Saldanha. São Paulo: Prodigio Filmes. 2021. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80217517>. Acesso: 28/11/2022.
- CNF. **Carta do Folclore Brasileiro**. Anais I Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro, 1951.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 7ª edição. São Paulo: Moderna, 2000
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DION, S. **A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural**. Boitatá Revista, n. 6, ago. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31156/21875>. Acesso em: nov. 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra**. In: _____. Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2011a. p. 13-48

DUARTE, Elaine Cristina Carvalho. **Intermedialidade: O mundo literário na cultura audiovisual**. XV Congresso internacional abralic. 2017. Rio de Janeiro.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação**. Revista Brasileira de Educação. 2003, n. 23.

GICO, V. V. **Luís da Câmara Cascudo e o conhecimento da tradição**. Revista Cronos, v. 1, n. 1, p. 55-72, 1 nov. 2016.

LOBATO, Monteiro. **O Saci**. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOBATO, Monteiro. **O Saci Pererê: resultado de um inquérito**. São Paulo: Seção de Obra de O Estado de São Paulo, 1918.

NOGUEIRA, Luiz. **“Cidade Invisível”: ativistas indígenas criticam representatividade da série**. Olhar Digital, 2021. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/02/19/cinema-e-streaming/cidade-invisivel-ativistas-indigenas-criticam-representatividade-serie/>
acesso:13/11/2022

ROSA, Camila Francisca. **REPRESENTATIVIDADE IMPORTA: O NEGRO NA INDÚSTRIA CULTURAL**. Mozart Linhares da Silva; Luiza Franco Dias [Orgs.] 21 Textos para discutir racismo em sala de aula. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 222p.

SAYERS, Raymond S. **O negro na literatura brasileira**, Rio de Janeiro: Cruzeiro: 1958.

SILVA, Mozart Linhares da. **História e Interculturalidade: aspectos críticos à educação e ao multiculturalismo no Brasil**. In: Anais do VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: 2004.